



O IMPERIALISMO DO CAPITAL FINANCEIRO E AS “GUERRAS COMERCIAIS”



Dossiê #7 do Tricontinental
Agosto de 2018



Jacky Muniello / Soy Migrante

Donald Trump é um líder mundial temperamental. Ele parece desdenhar da velha ordem, os mecanismos de globalização estabelecidos com grande cuidado pelo bloco imperialista após a queda da URSS e do Terceiro Mundo. Em seu segundo dia no cargo, Trump assinou uma ordem executiva para renegociar o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e eliminar a Parceria Trans-Pacífico (TPP). Ele seguiu com as tarifas sobre as principais commodities que impactariam a União Européia e a China, além do Canadá e do México.

Os Estados Unidos possuem déficits comerciais muito grandes. O déficit comercial dos EUA em bens e serviços para 2017 foi de US\$ 566 bilhões (o déficit comercial em bens foi de US\$ 810 bilhões). O maior déficit comercial é com a China – US\$ 375 bilhões. Trump disse que quer reduzir esses déficits por meio de várias medidas protecionistas – tarifas sobre o aço e o alumínio e sobre tantos outros produtos chineses.

Trump prometeu “fazer da América grande novamente”. O slogan definiu sua campanha e sua presidência. Sua arrogância era frequentemente perdoada por causa do sentimento ligado a esse slogan – isso inspirava uma esperança de que as políticas de Trump protegessem a economia dos EUA e garantissem que o padrão de vida declinante dos estadunidenses fosse revertido. Dois anos depois de sua presidência, há pouca evidência de qualquer melhoria. A desigualdade continua a definir o cenário econômico estadunidense – os CEOs, segundo novos dados do governo, podem chegar a ganhar mil vezes mais do que seus empregados. O CEO da Amazon, Jeff Bezos, fatura US\$ 127

bilhões, o equivalente a 2,3 milhões de estadunidenses (ele ganha o salário médio dos trabalhadores da Amazon a cada nove segundos). É impossível sugerir que a alta desigualdade deve ser o caráter de uma América grande. Chapéus vermelhos com esse slogan são fáceis de produzir, mas é uma pílula amarga se eles forem executados – como costumam acontecer – em Bangladesh, na China e no Vietnã.

No Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, nos perguntamos sobre a natureza essencial dessas “guerras comerciais” que surgiram entre os principais aliados. A especificidade nem sempre é aparente nas discussões sobre tarifas. Nós nos voltamos para Prabhat Patnaik, professor emérito do Centro de Estudos Econômicos e Planejamento da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Jawaharlal Nehru (JNU) em Nova Delhi (Índia), para nos ajudar. O Prof. Patnaik é um dos principais economistas marxistas de nossos tempos. Ele é autor de vários livros importantes, incluindo *Time, Inflation and Growth* (1988), *Economics and Egalitarianism* (1990), *Whatever Happened to Imperialism And Other Essays* (1995), *Accumulation and Stability Under Capitalism* (1997), *The Retreat to Unfreedom* (2003), *The Value of Money* (2008), *Re-Envisioning Socialism* (2011) e (com Utsa Patnaik) *A Theory of Imperialism* (2016). Professor Patnaik foi vice-presidente do Conselho de Planejamento de Kerala (2006-2011) e é o editor do *Social Scientist*. Ele é um colaborador regular da *People's Democracy*.

A entrevista que realizamos com ele completa esse dossiê.





Jacky Muniello / Soy Migrante

Hegemonia das finanças globais

Qual é a sua primeira impressão sobre as “guerras comerciais” iniciadas por Trump? Isso é uma séria mudança de política ou há algo mais que precisamos estar cientes?

Acredito que toda a discussão em torno das políticas protecionistas de Trump foi mal enquadrada. A imagem tipicamente transmitida é de um vilão chamado Trump, de repente desencadeando uma guerra comercial sobre um mundo feliz. Isso está completamente errado. Todo o mundo capitalista tem estado preso a uma crise prolongada e séria, que é o desfecho do neoliberalismo. O establishment burguês liberal ou não reconhece essa crise ou o faz apenas de má vontade. Trump reconhece isso em seu próprio caminho fascista. Ele culpa os “outros”, isto é, os mexicanos, os chineses e os muçulmanos, mas não o sistema, por isso. Esse mesmo reconhecimento de sua parte é a razão pela qual o povo estadunidense colocou uma pessoa desagradável como ele na presidência.

Não se pode olhar para Trump e suas políticas isoladamente desta crise. Trump quer resolver a crise para os EUA, causada pelo neoliberalismo, *dentro dos limites básicos do próprio neoliberalismo*, ou seja, sem violar sua característica central, que é a livre mobilidade global das finanças.

O mecanismo pelo qual o neoliberalismo engendrou essa crise deveria ser esclarecido. O neoliberalismo causou uma mudança global na distribuição de renda dos salários para o lucro. Essa mudança sempre cria uma tendência *ex ante* [antes do evento] para uma crise de superprodução na economia mundial. Essa tendência foi mantida sob controle pelas bolhas “pontocom” e “imobiliária” nos Estados Unidos. O estouro dessas bolhas, uma após a outra, fez com que a crise *ex ante* se convertesse em crise *ex post* [após o fato]. Como as finanças globalizadas desaprovam a intervenção do Estado na “gestão da demanda” defendida por Keynes, essa crise só pode ser aliviada dentro da estrutura neoliberal por meio da formação de uma nova bolha. Mas essas bolhas não podem ser feitas por encomenda; e, mesmo se forem formadas, inevitavelmente entrarão em colapso, precipitando uma nova crise.

Trump está tentando sair dessa situação ampliando o déficit fiscal, o que os Estados Unidos podem fazer com certa impunidade por causa de sua moeda ser considerada “tão boa quanto o ouro” (e também porque aumentou sua taxa de juros recentemente com a promessa de mais aumentos no porvir, que está sugando as finanças de todo o mundo para os Estados Unidos); mas se esse estímulo à demanda não “escapar” e resultar meramente na criação de emprego em outro lugar à custa de uma dívida externa maior dos EUA, então o protecionismo se torna necessário para os Estados Unidos.

Trump, portanto, não é apenas um intervencionista louco em uma ordem liberal benigna; representa uma política coerente.

No entanto, esta política não funcionaria porque equivale a uma política de desvalorização competitiva e assume erroneamente que outros países não retaliariam.

A sugestão de Trump para outros países centrais, claro, não é retaliar, mas sim impulsionar suas próprias economias através de seus próprios gastos militares maiores. Mas tais gastos de sua parte agravariam a fuga de finanças de suas economias, provocando um aumento em suas taxas de juros, o que negaria qualquer impulso à sua atividade. Na ausência de tal impulso, portanto, em vez de simplesmente perder para o protecionismo dos EUA, eles mesmos seriam, portanto, protecionistas, frustrando assim a estratégia de Trump.

Eu vejo as tarifas essencialmente como uma resposta à crise dentro dos Estados Unidos, cuja seriedade não deve ser subestimada, embora, é claro, tenham outros efeitos simultâneos. Para mencionar apenas um indicador do aguçamento da crise, a taxa de mortalidade entre os trabalhadores estadunidenses brancos do sexo masculino nos últimos anos tem sido alta, maior do que a de qualquer outro país ocidental que não esteja envolvido em guerras. Essa alta taxa de mortalidade decorre da insegurança e da perda de autoestima que sempre acompanham o desemprego, o que empurra as pessoas para o abuso de drogas e álcool.

Há quem acredite que a automação é a causa dessa crise. A automação, ou mais geralmente o progresso tecnológico poupador de mão de obra, é uma característica perene do

capitalismo, que *invariavelmente afeta o desemprego*. Mas a globalização certamente piorou a situação do desemprego nos EUA, por meio da transferência de instalações de produção pelo capital dos EUA para regiões com salários mais baixos no mundo.

Ligado a essa pergunta, essas manobras de Trump representam uma mudança duradoura no atual sistema de “livre comércio” ou representam apenas um desvio temporário e eleitoral?

Considerar essas políticas como um desvio eleitoral temporário é subestimar a crise capitalista, que é também uma crise existencial para o sistema – da qual a atual ascensão do fascismo é uma manifestação. O sistema não pode continuar como vem atuando. Trump acha que, ao modificar o “livre comércio”, mas mantendo “fluxos livres de capital financeiro” intactos, o sistema pode ser resgatado. Isso está errado porque não pode haver expansão econômica global no atual mundo dos Estados-Nações sem que *controles de capital* sejam implementados.

O que são controles de capital? Controles de capital são medidas tomadas por um governo para regular o fluxo de finanças para dentro e para fora de um país. Tais controles incluem impostos sobre transações, requisitos de permanência mínima, limites na quantidade de moeda que pode atravessar fronteiras e assim por diante. Uma versão doméstica do controle de capital é um Imposto sobre Operações Financeiras para todas as transações de ações, transações de títulos e negócios derivados.

Mas Trump parece estar implicitamente ciente, pelo menos, da necessidade de uma mudança duradoura que ele está tentando, enquanto seus críticos liberais veem suas ações meramente como gratuitas e caprichosas.

Trump e seus conselheiros acreditam que essas mudanças na política ajudarão os EUA a recuperar os empregos industriais dos EUA que foram perdidos nos últimos trinta anos. Você acha que é possível que os EUA recuperem esses empregos?

A estratégia de Trump pode funcionar se outros países aceitarem a política de desvalorização competitiva de Trump. Mas eles obviamente não o fariam. Portanto, embora possa parecer, no momento, que a estratégia está funcionando, as coisas mudarão quando outros países começarem a retaliar. E quando o fazem, o próprio fato de uma “guerra comercial” diminuirá o incentivo dos capitalistas ao investimento na economia mundial e, assim, agravará ainda mais a crise.

Você tem criticado a visão de que essa nova guerra comercial pode produzir “desglobalização”. Por que você acredita que esse aparente recuo do sistema global não produzirá um potencial sistema autossustentável?

Para mim, a essência da atual globalização é a globalização das finanças. É neste aspecto que é diferente de todos os episódios anteriores de globalização, e tem um impacto profundo na natureza do Estado: o Estado que permanece um “Estado-Nação” é forçado a aceitar às exigências das finanças

globalizadas (Caso contrário, haveria fuga de capitais do país em questão e uma crise financeira na mesma). Mesmo que haja protecionismo no movimento de *bens*, isso em si não alteraria nem um pouco esse fato da hegemonia das finanças globalizadas. *Nenhum líder central* até o momento falou em impor controles de capital; Portanto, toda essa conversa sobre “desglobalização”, a meu ver, carece de validade.

China e os Estados Unidos

Raghuram Rajan, ex-economista chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI) e ex-governador do Banco Nacional da Índia, disse certa vez que a China e os Estados Unidos estão em um “abraço satânico” e que sua inter-relação é instável e perigosa. Você concorda com essa visão?

Eu não aceito os termos deste discurso. É o *capital estadunidense* que transferiu a produção para a China para obter lucros maiores. Portanto, não é uma questão de “EUA versus China”, mas de “EUA versus capital estadunidense”. Por causa da angústia social e raiva nos EUA que isso gerou, especialmente durante a atual crise econômica prolongada, Trump está tentando restringir em certa medida o incentivo do capital estadunidense para a transferência da *produção* para o exterior através de seu protecionismo, mas não a livre circulação norte

americana através do globo, ou mais apropriadamente, das *finanças* internacionais. E pela perda que resultaria do capital estadunidense por causa desse protecionismo, *ele está oferecendo uma compensação na forma de cortes substanciais de impostos corporativos*. Eu, portanto, ponho em primeiro plano o capital estadunidense em minha análise.

O desempenho da economia aparentemente estável dos EUA terá um impacto na política na China? O que você prevê com reação chinesa à farsa de Trump – além da primeira reação, que era aumentar suas próprias tarifas?

É obvio que, além de aumentar suas próprias tarifas, a China agora precisa confiar mais em seu mercado interno para sustentar o ritmo de seu crescimento. Isso exigiria um gasto maior do governo, uma taxa mais alta de crescimento agrícola e uma distribuição mais igualitária de renda dentro da China. Estas são as políticas associadas tradicionalmente ao socialismo (assumindo que os gastos do governo são em educação, saúde e serviços sociais). O ajuste que as medidas de Trump forçariam a China a fazer poderia, assim, ter o efeito de empurrar a China mais para as políticas socialistas. Isso, ao meu ver, seria muito bem-vindo.

A China tem uma grande vantagem a esse respeito, isto é, ter a possibilidade de fazer uma transição para essas políticas orientadas para o mercado doméstico a um custo muito pequeno. Isso ocorre porque, diferentemente da Índia, nunca esteve totalmente aberta a fluxos financeiros irrestritos,

portanto, não há dúvidas sobre qualquer fuga de capital durante a transição. E também, ao contrário da Índia, tem um superávit em conta corrente na balança de pagamentos, de modo que nenhum problema de financiamento de um déficit atual, durante o período de transição, afligiria a China.

Em minha opinião, a oposição a tal transição direcionada por mais políticas igualitárias é provavelmente, como eu vejo, política, devido às pressões da burguesia média urbana chinesa que, ao contrário da Índia, a burguesia média urbana chinesa sempre está atenta a oportunidades no Ocidente, que tem sido a maior beneficiária do rápido crescimento da China, assim como tem um viés anti-igualitário.

Imperialismo do dólar

Alguns anos atrás, Peter Gowan escreveu sobre o Regime Dólar-Wall Street e sobre o Dólar-Senhoriagem – onde o dólar e Wall Street reforçaram o poder um do outro e onde a senhoriagem do dólar permitiu que os EUA aumentassem os grandes déficits, assim como permitiu que o sistema financeiro dos EUA se tornasse a principal fonte de crédito do mundo. Esse sistema permanece vivo hoje em dia?

Apesar do anúncio da política protecionista de Trump e do aumento no déficit fiscal, os Estados Unidos, que normalmente enfraqueceria o dólar, estão sugando as finanças de todo o mundo. Essa dinâmica leva a uma valorização do dólar. É verdade que houve um aumento nas taxas de juros nos EUA com novos aumentos no futuro próximo. Mas isso sugere que o papel do dólar como meio estável de manter a riqueza na economia mundial permanece inalterado. E o poder inalterável do dólar também implica no poder inalterável de Wall Street.

Você acredita que se Trump continuar nessa direção política, pode haver uma séria mudança de entendimento do papel do dólar como a principal moeda do mundo e do papel de Wall Street como a principal fonte de crédito?

O papel do dólar, e com ele o papel associado de Wall Street, surge porque a economia global capitalista requer um meio estável de manter a riqueza, e não há nenhuma outra moeda

que possa desempenhar esse papel no momento. O euro, que sempre foi secundário ao dólar, mas pareceu por um momento parecer representar um desafio potencial, perdeu as forças.

É claro que a confiança de qualquer agente individual na estabilidade de uma moeda surge com o fato de que ele ou ela acredita que todo mundo acredita na estabilidade. Em outras palavras, há um instinto de rebanho sobre isso, mas esse instinto de rebanho não é arbitrário, isto é, não pode se apegar a *qualquer moeda*. Para uma moeda ser qualificada a começar ser considerada “tão boa quanto ouro”, é preciso ter certas características. O país que ela pertence deve garantir a segurança das relações de propriedade capitalista. Deve ser também poderoso o suficiente para garantir, através de intervenções, incluindo intervenções militares, a segurança das relações de propriedade capitalista em outros lugares. Deve igualmente ser capaz de impedir qualquer ameaça inflacionária à sua moeda (para que as pessoas não mudem dela para o ouro real, isto é, ela deve permanecer “tão boa quanto o ouro”) mantendo um exército de reserva de trabalho adequado e impondo “renda-deflação” sobre os produtores de produtos primários através de um regime econômico global, apoiado por seu poder militar. E assim por diante. Deve, em outras palavras, ser a principal potência imperialista, o bastião ou base do capitalismo mundial. Os EUA continuam a ser exatamente isso, e é por isso que sua moeda é considerada “tão boa quanto o ouro”, apesar de todas as suas dificuldades econômicas e mudanças políticas. Permanecerá assim no futuro previsível.

É irônico que, após o colapso da bolha imobiliária, quando uma crise financeira eclodiu com os EUA em seu epicentro, as finanças de todo o mundo fluíram *para* os EUA, e não para fora dela. Foi como fazer o caminho mais curto para sua casa quando você está em pânico. Da mesma forma, hoje, há uma inundação semelhante de financiamento nos Estados Unidos. Sendo a base do capital é, portanto, ligada a fatores mais profundos do que apenas suas políticas específicas ou desempenho.

O que é o imperialismo? Patnaik escreve: “O imperialismo implica a supressão, a supressão necessária, **dos povos do terceiro mundo, as massas trabalhadoras**, através da operação do capitalismo central. Essa supressão do povo trabalhador do terceiro mundo pelo capital central não é uma conspiração clandestina; é uma parte do próprio **modus operandi** do capitalismo. É errado, portanto, identificar o imperialismo somente com casos em que os golpes militares são planejados, ou onde a intervenção militar dos países capitalistas avançados ou seu líder, os Estados Unidos, são realizados. O imperialismo, embora possa ocasionalmente originar tal intervenção, ou “canalizar a diplomacia”, não é **idêntico** à “diplomacia de canhoneira”. Assim, o fato de que não há golpes de Estado a mando de algumas empresas multinacionais como a Union Minière (que atuava no Congo) ou a United Fruit Company (que atuava na Guatemala) ou a ITT (que atuava no Chile) pode ser citada em tempos mais recentes para coincidir com as depredações de tais corporações nos anos de 1950 e 1960, não é um argumento contra o conceito de imperialismo. **O imperialismo não é uma coceira por encenar golpes; é o próprio modo de existência do capitalismo.**



Jacky Muniello / Soy Migrante

Alternativas?

O que os governos progressistas podem fazer para criarem espaços nessa conjuntura? O que, por exemplo, o novo governo do México deveria fazer para criar um espaço para uma democracia social em sua agenda? Quais políticas financeiras você aconselharia nessa conjuntura, em outras palavras?

Acredito que qualquer governo que adote políticas pró-povo, mais cedo ou mais tarde, terá que introduzir controles sobre os fluxos financeiros internacionais. A razão é óbvia: ou terá que ouvir as finanças ou o povo, e se ouvir o último, incorrerá na ira das finanças, que irão contra o controle dos fluxos financeiros. Mas acho que governos como o de López Obrador, no México, em vez de gritar para os quatro cantos suas intenções de impor controles de capital, devem primeiro adotar políticas pró-povo. Quando o setor financeiro se opuser a essas políticas por meio de fuga de capitais, o governo deve então impor controles de capital. Em outras palavras, a ação do governo parece a todos como sendo necessária pelos caprichos das finanças, em vez de ser apenas orientada ideologicamente.

Você percebe que a globalização das finanças permanece viva apesar desse protecionismo. Como pode um governo progressista angariar fundos para uma agenda alternativa neste período prolongado da globalização das finanças?

É preciso distinguir aqui entre finanças e poupança. As finanças, por si só, nunca será um problema para qualquer país, a não ser que acabem com o Banco Central com as suas próprias mãos (como nos países da zona euro) ou dando total autonomia a ele, o que significa que é dirigido por funcionários do Fund-Bank. Enquanto a fuga de capitais for evitada através de controles de capital e o controle democrático sobre o Banco Central for mantido, não haverá problemas financeiros que qualquer governo progressista possa enfrentar.

O verdadeiro problema, no entanto, diz respeito à poupança, e isso pode ser mobilizado por qualquer governo progressista que deseje adotar políticas pró-povo, taxando os ricos, que se tornaram muito mais ricos neste período de globalização. Em um país como a Índia, por exemplo, onde o um por cento dos domicílios mais ricos possuem 60% da riqueza total, uma proporção que aumentou dramaticamente durante o período de políticas neoliberais e continua a fazê-lo mesmo agora, não há imposto sobre a riqueza, o que é escandaloso. O mesmo acontece, para mais ou para menos, em outros países.

Assim, as dificuldades enfrentadas por um governo progressista surgem não por causa de quaisquer restrições econômicas objetivas, *mas por causa do poder do imperialismo mundial*, que deve ser visto hoje não apenas em termos do imperialismo estadunidense, alemão ou japonês, mas como imperialismo do capital financeiro internacional.





Jacky Muniello / Soy Migrante

Tricontinental: Institute
for Social Research *is an
international, movement-driven
institution focused on stimulating
intellectual debate that serves
people's aspirations.*

Instituto Tricontinental
de Pesquisa Social *é uma
instituição internacional,
organizado por movimentos,
com foco em estimular o debate
intelectual para o serviço das
aspirações do povo.*

the **trico**ntinental.org